



## NO «HOTEL

VÊR NO INTERIOR: — Sensacional reportagem sobre as rusgas noturnas. Lisboa Mis-

# NOTÍCIAS

*ilustrado*

EDIÇÃO SEMANAL DO  
**DIÁRIO DE NOTÍCIAS**

## DO PINHO»

teriosa desvendada pela prosa de Artur Portela e pelas fotografias de Ferreira da Cunha.

ANO I — SÉRIE II — N.º 36

O NOTICIAS ILUSTRADO

LISBOA, 17 DE FEVEREIRO DE 1929

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DO «DIARIO DE NOTICIAS». SEDE: RUA DIARIO DE NOTICIAS 78  
 LISBOA—TELEFONE T. 821—TELEGRAMAS: NOTICIAS-LISBOA—OFICINAS GRAFICAS:  
 O COGRAVURA, LIMITADA. RUA D. PEIRO, V. 18.—TELEFONE 631 N.—LISBOA

	6 MESES		12 MESES		
P RE Ç O S D E	Portugal Continental e Insular. . . . .	55400	Portugal Continental e Insular. . . . .	70400	2 4 P A G I N A S
	Ultramar. . . . .	51800	Ultramar. . . . .	78800	
	Espanha. . . . .	58400	Espanha. . . . .	78800	
A S S I G N A T U R A	Brasil. . . . .	45400	Brasil. . . . .	88400	
	Outros países. . . . .	50400	Outros países. . . . .	100400	NUMERO AVULSO 1\$50

DIRECTOR: LEITÃO DE BARROS EDITOR - ANTONIO DAS NEVES CARNEIRO-DIRECTOR-GERENTE: CAROLINA HOMEM CHRISTO



**1 COLHER**

De leite condensado  
açucarado «MOÇA»

**VALE**

**6 COLHERES**

Do melhor leite  
fresco

**EFFECTIVAMENTE**

**1 litro de leite fresco contém . . . . . 750 calorias**  
**1 litro de leite Condensado «MOÇA» contém 4500 calorias**

$$\frac{4.500}{750} = 6,4$$

Esta superioridade do Leite Condensado açucarado «MOÇA», obtida pela concentração do melhor leite fresco das excelentes pastagens da SUISSA, acrescido de açúcar, é muito apreciavel, pois permite apresentar, sob um volume reduzido e sob a forma de uma guloseima deliciosa, a totalidade dos elementos uteis do melhor leite fresco, os sejam:

*Principios Nutritivos  
 Saes Minerais  
 Vitaminas*

PARA OS LACTANTES, o leite condensado açucarado «MOÇA», simplesmente diluido em agua fervida, é o melhor sucedaneo do leite materno, quando este faz falta.

PARA AS CRIANÇAS MAIS CRESCIDAS, fracas e cançadas pelo estudo, o leite condensado açucarado «MOÇA», tomado como mel ou como marmelada, é um complemento muito precioso da alimentação ordinaria.

PARA OS ADULTOS, os convalescentes e as pessoas idosas, o leite condensado açucarado «MOÇA», tomado ás colheres, é um reconstituente poderoso.

PARA A DÓNA DA CASA, o leite condensado açucarado «MOÇA» é um elemento muito apreciavel para a preparação de toda a espécie de gulodices.

**O leite condensado açucarado «MOÇA»**  
**da Nestlé-Anglo Swiss Condensed Milk C.º**

ENCONTRA-SE Á VENDA EM TODAS AS BOAS MERCEARIAS E FARMACIAS

# Dos inconvenientes do Carnaval

BREVES CONSIDERAÇÕES FANTASISTAS POR XISTO JUNIOR

**A**PEZAR das boas intenções das autoridades, que todos os anos, por meio de severos editais, se propõem evitar que o Carnaval seja uma coisa incomoda para quem não está para brincadeiras, não ha forma de uma pessoa se escapar a certas calamidades que o Entrudo comporta.

Quem não quer sujeitar-se a ser cloreto-etilizado, serpentinado ou saqueado com feijões envolvidos em retalhinhos de chita, tem o recurso de não cruzar as ruas nos três dias de Carnaval ou de não frequentar os teatros nas respectivas noites, mas nem fechando-se em casa a sete chaves alguém evita completamente ser vítima da animação do bom humor de certas pessoas, que gosam a estranha faculdade de poder regular a sua boa disposição pelos ditames do Borda d'Água, passando trezentos e sessenta e dois dias de cada ano em estado de melancolia profunda, para acumularem a alegria que esbanjam nos três dias de Carnaval.

É possível que os leitores achem que esta minha afirmação é duma misantropia irritante e que nela se encerra um exagêro censuravel, porquanto, por mais ascendente que seja o jacto dos lança-perfumes e por muito musculados que sejam os foliões, nunca o cloreto de etil, os saquinho, as serpentinas ou o confeti podem incomodar quem está arrolhado em casa.

Ah, sim?! E então os bailes, os salisfrés improvisados em quartos andares de predios periclitantes, que só se explica que não tenham ainda caído para não dar má impressão aos estrangeiros que hão atravessar Lisboa, a caminho de Sevilha?!

A estranha aventura dum meu amigo, neurastenico de nascença e que tem o infortunio de morar num desses predios construidos pelo moderno processo conhecido pelo «tem-te, não caias», é prova mais do que evidente de que contra o Carnaval não ha defeza.

Como lhes disse, habita o meu amigo num desses predios lisboetas em que as familias vivem separadas por delgados tabiques, de forma que não se dá um suspiro no primeiro andar esquerdo que se não ouça logo no quinto direito. Os tetos e sobrados são da espessura das caixas de charutos, tão permeaveis ao som, que um ouvido habituado distingue já perfeitamente, sentindo correr um jacto de liquido no andar de cima, se é a criada a encher o pote, o dono da casa a despejar o lavatorio ou alguém a fazer outra qualquer necessidade intima.

Por cima da casa do meu neurastenico amigo mora uma familia, Pessoa de apelido e composta por cinco pessoas. Durante o ano estes Pessoas são as pessoas mais pacatas do mundo.

Deitam-se cedo, levantam-se tarde e, como são todos admiradores entusiasticos do cinema, se teem discussões são todas em silencio. Mas quando chega o Entrudo não ha pessoas mais ruidosas que os Pessoas do quarto andar. Os bailes de Carnaval lá em casa, começam no sabado à tarde e acabam na 4.ª feira de cinzas, pela manhã, mas, como o chefe da familia é muito atencioso e amigo de fazer boa vizinhança, não se esquece nunca de prevenir o meu amigo de que se lhe vai fazer o menor barulho possivel.

No ultimo sabado gordo, pontual e solícito, o vizinho Pessoa procurou o meu amigo neurastenico e preveniu-o lealmente:

—Como de costume nos anos anteriores, principiam hoje os bailes de Carnaval na minha casa. Para dar o menor incomodo possivel, decidi que os bailes fossem, este ano, todos em «matiné» e, assim, só se começará a dançar à uma hora da manhã, hora a



que o vizinho já está entregue às delicias do sono e, portanto, não ouvirá barulho.

Disse, cumprimentou e retirou-se, ao tempo em que o meu amigo forcejava para descalçar um sapato, para dar com ele na cabeça que concebera tais «matinés».

A palavra honrada do vizinho Pessoa foi honradamente cumprida. Durante todo o dia não se ouviu, no andar de cima, o mais ligeiro ruido, como se os cinco Pessoas andassem em pontas de pés. Anoteceu. O meu amigo, com a ansiedade dos neurasticos, contava as horas e os minutos que o separavam da hora fatal do baile. Começavam a chegar os convidados, mas dir-se-ia que calçavam todos solas de Ceilão. De vez em quando, uma gargalhada mais alta indicava que alguma graça carnavalesca tinha feito as delicias dos presentes.

Cansado pela expectativa enervante,

o meu amigo perdeu a noção do tempo. O tic-tac do relógio embalava-o. Adormeceu. De subito, um rastejar frenetico de pés, fê-lo mexer na cama. Acendeu a luz. O relógio da banca marcava uma hora exata e, no andar de cima, o gramofone, que durante o ano se mantinha num silencio respeitoso, ronquejava com energia acumulada:

*Aleluia!  
Ch Aleluia!*

Seguiram-se shimmies sobre shimmies, charlestons sobre charlestons. De olhos espantados, na escuridão do quarto, o meu amigo sentia, mesmo por cima da cabeça, aquele moer de pés sobre o mesmo sitio, que constitue essencialmente a dança moderna. Duas, três, quatro horas da manhã. O gramofone só se calava para mudar de disco e de agulha. Os laços do Menano a Marcha Funebre, de Chopin, a Romanza da Tosca, tudo era dançado em charleston e quando o meu amigo ia a cerrar os olhos, vencido pelo sono vinha-lhe através do sobrado, aquele arreliante

*Aleluia!  
Oh Aleluia!*

que o fazia tapar a cabeça com a roupa, gemendo baixinho:

—E não haver um raio que parta a corda ao gramofone!...

E a dança continuava, implacavel, torturante como um suplicio chinês, com o mesmo moer de pés sempre sobre os mesmos pontos do sobrado.

Perto das cinco da manhã, o meu amigo resvalava naquele torpor que antecede o sono, depois duma noite perdida, quando um estranho ruido o fez acender a luz em sobressalto. Deu-se a catastrophe de prever em predios da quella construção. O sobrado da casa dos Pessoas, gasto pelo patinar dos charlestonistas, partira-se e a filha mais velha dos visinhos de cima, u carada de «Noite» e envolta em nuvens de estuque do tecto, viera car sobre a cama do meu amigo, que não esperava aquela «Noite», depois da noite que lhe tinham feito passar.

E, como entre o meu amigo e a pequena mais velha dos Pessoas havia ha muito um curto idillio, o neurastenico aproveitou aquele cair da «Noite» às cinco da madrugada para lhe dar um beijo de oito metros e cinquenta de filme virgem, emquanto que, em cima, debruçada no buraco do teto, a mãe Pessoa dizia apavorada:

—O maroto beijou a boca da «Noite». Ai, Pessoa, que a nossa filha é mais uma «Noite» perdida!

XISTO JUNIOR

# O CARNIVAL



Um lindo grupo...

Um dos automoveis que andaram no «corso» da Avenida.



O baile infantil do Coliseu



O pano de boca do Coliseu, tambem tinha um ar garrido de folia...



EM CIMA: — Creações mascaradas... — A' DIREITA: — Pousando para «O Noticias Ilustrado».





Um elegante grupo de cavaleiros e amazonas.



Mais crianças mascaradas com gosto e elegância.



Um grupo de crianças mascaradas.



À ESQUERDA:—Diversas épocas apresentadas por alegre infância.

À DIREITA, (em cima):—Três autoridades de aspecto «severo» e marc'al...



À ESQUERDA, (em baixo): Na «terrasse» do Teatro Nacional, pousando para «O Notícias Ilustrado».



A sobrinha da actriz Hortense Luz vestiu-se como a divette Corina Freire na revista A «Ramboia».

(Clichés «Notícias» e «Ferreira da Cunha»)



# A AGUA DO OURO

## CONTO DE BRUXEDOS

Por GONÇALO HENRIQUES

— **A** I, se vocemecê «le» tirasse aquele vicio! . . .  
 —Tiro, tia Antonia, verá que «lo» tiro.  
 A cigana chamou a tia Antonia para um recanto da feira onde as arvores faziam escuro e segredou:

—Olhe, tia Antonia, aquilo não é balda do seu homem que sempre foi amigo de lidar e pouco dado a bebidas. Aquilo foi praga ruim ou sal pisado. Anda por ali mal de inveja a pôr-lhe aquele sestro. Mas eu corto-lhe o mal e para isso pouco bonda. Umas rezas que eu sei e a agua do ouro, de infusão sem ele ser sabedor. . . Em vocemecê querendo, o seu homem até mata de morte quem lhe falar em vinho. . . Se vocemecê quizer, amanhã mesmo começamos a novena.

—Se querol! Se vocemecê soubesse o que é uma casa baldeada por via do maldito vinho! Passam-se semanas que o meu Manoel não arreda das tascas na pouca vergonha da bebida. Quem viu aquele homem! . . .

A cigana entrou ainda mais no escuro do soito e com a mão seca no ombro da tia Antonia segredou-lhe:

—Ajunte vocemecê amanhã todo o oirinho que tiver, cordões ou moedas de cruces, embrulhe-as num lenço do seu homem e pela meia tarde eu lá vou com o resto. . . Mas olhe, tia Antonia,

se ele desconfia de alguma coisa não surte efeito a benzedura. . .

—Ceguinha eu seja se a minha boca se abrir. Assim ele se ponha bom que por falta de segredo não ha-de ser. . .

—Olhe, vá sempre pelo lado direito da estrada e faça o sinal da cruz onde houver quatro caminhos. Eu à meia noite vou colher as ervas e à manhã ao dobrar o sol vou à sua porta pedir uma mão cheia de palha. . .

A tia Antonia, sempre pelo lado direito, trepou ao Arreiro, caminhou até Vila Nova e três quartos de hora depois entrava o portal da quintarola onde morava, lá em baixo na chá dos Caramelos.

Logo na casa de fora a alma se lhe confrangeu. Estiraçado sobre uma arca, o marido resfolegava num grunhido surdo, a babar-se e a soprar aos cantos da boca bolhas de saliva avinhada. Nem deu por ela na modorra bebada em que jazia.

A tia Antonia ficou a olha-lo e a abanar a cabeça num grande descon-solo. Depois foi-se á comoda, meteu cautelosamente a chave a uma das gavetas grandes e sacou de lá um embrulho que parecia uma caixa. Olhou para o bebedor de soslaio e escondendo o volume na dobra do chale saiu para a curral! Ai, corrido o bedelho do ferrolho e ao pé da candeia, abriu a caixa e separou o ouro da prata! Ha-

via la cordões, brincos, peças de D. José, libras, enfim um peculiosinho menos mau amealhafo nos bons tempos, quando o marido não bebia e era o mais rico almocreve da costa de Cessimbra.

Escondeu o escolhido debaixo duns tijolos do pavimento e levou o resto a guardar. Pouco tempo depois voltou com um tacho de mão e enterrou o metal num canto escuro do casebre e cobriu os ladrilhos com o mato da cama das ovelhas. Benzeu-se e voltou para casa cheia de fé.

O marido, aliviado pelo vomito, tinha soerguido o tronco e de olhos fechados cantarolava.

\* \* \*

—Olhe, tia Antonia, vem aqui tudo quanto é preciso. . . A panelinha de barro novo, o alguidar, o têsto e a tesoura que fui benzer á missa de alva entre a hostia e o calix.

A cigana tirava dum cesto todas as peças do ritual e dispunha-as com cuidados liturgicos sobre a comoda da casa de fóra.

O marido da tia Antonia, o Manuel da Chuva, andava lá fóra pelas vendas do povo a emborrachar-se.

—Ora agora dê cá o oirinho e a pucara do cosimento das ervas que eu lhe mandei pela manhã.

A Antonia trouxe a vasilha e a cigana começou o engrimanço.

Primeiro foram resas apressadas, re-gougadas entre dentes, fanhosas e asperas. Depois foram golpes de tesoura dadas no ar com o intuito de desprender fios, de cortar prisões. . . depois veio o oiro. Cordões, peças, libras, brincos passaram pelos dedos da cigana e sumiam-se pela boca da panelinha nova colocada sobre o alguidar. Uma vez arrumado o tesouro, a cigana despejou-lhe em cima o cosimento das ervas, tapou com o têsto, ligou com uma corda nova, com três ou quatro nós cegos e colocou tudo dentro do alguidar.

Fez ainda umas cruces de benção sobre o têsto da panela e foi com a tia Antonia ao curral esconder o sacrario na cova preparada.

—São oito dias, tia Antonia, oito dias. No fim da novena, que é uma sexta feira, já o seu homem não pega em nenhuma raça de bebida a não ser a agua que nossa Senhora cria sem mãos de pecador.

—Deus a oiça! Deus a oiça! E quanto lhe devo eu por este trabalho?

—Coisas de Deus, tia Antonia, não se pagam com moeda de ganhar. No fim, vocemecê me dará o que fôr da sua gana. . .

—Cure vocemecê o meu homem e deixe que eu não sou mal agradecida.

Passaram três dias e a cigana voltou. Queria ver se o alguidar estava seco. . . Se estivesse era preciso refrescá-lo.

Por lá esteve uma boa meia hora ao pé da casa e, depois de garantir que tudo ia bem, recomendou que ao oitavo dia depois do sol virar para a tarde a tia Antonia se fosse á corda e a cor-

## Um triunfo da cultura do público de Lisboa

Cumpra-nos registá-lo! O nosso público, admirável sempre que se lhe fala à inteligência e à sensibilidade, acaba de dar uma prova insofismável das tendências do seu espírito e da sua ansia de cultura. Um cinema de Lisboa,—que não precisa de réclame—o São Luiz—creou, entre sorrisos scepticos, e palavras incrédulas, uns espectáculos a que chamou «matinéés de cinema clássico», e onde tem feito exhibir tudo o que de melhor até hoje a arte muda tem produzido. «Que não teria público»—afirmava-se. «Que era mais uma tentativa falhada»—avançava-se nos cafés e nos centros de cavaco alfacinhos.

No entanto, o público acorria, em número e em qualidade, à elegante sala de espectáculos—e três quintas feiras bastaram para consagrar, definitivamente, as «matinéés» clássicas de cinema, não já como um espectáculo comercial, mas, o que é mais, como a única tentativa de cultura séria de cinema, dada até hoje entre nós, o que vem, sem sombra de dúvida, colocar, muito acima do vulgar, a orientação daquela empresa.

O público cinéfilo deve, portanto, ao São Luiz, mais essa prova de deferência, e nós, na nossa quota parte, lh'o agradecemos.

tasse com a tesoura benta para tirar da panela o oiro. Feito isto e resado um Credo em cruz, certo era o marido ficar bom para todo o sempre.

—Ai meu rico oiro! Meus ricos brincos, ricas peças que me deixou o meu pai que Deus tem!

E a tia Antonia arrepelava-se a gemer, a chorar e a aparelhar a égua para ir procurar o regedor e mandar prender a cigana.

Com o coração aos pulos lá foi estrada acima, ao chouto do animal até ao campo da feira. Indagou dos ciganos. Não sabiam de nada. Nem essa mulher era cigana. Era uma esfiarrapada de Marvão que se juntava a eles na fiosa dumas migalhas da caravana.

Aos gemidos da Antonia acudiu um cigano que estava a tosquiar um burro. Ouvia a lastima, pensou e assegurou que sabia para onde tinha fugido a ladra.

Assim Deus o salvasse como, mesmo com a distancia que ela levava, a trazia ali no dia seguinte de manhã com todo o oirinho roubado...

A tia Antonia de mãos postas suplicava-lhe que fosse, que fosse...!

—Iá, lá ir, ia, mas havia de ter um cavalo que aguentasse a carreira e o «Janota» estava velho para essas corridas...

—Cavalo tenho eu e bom... venha daí a minha casa e escolha.

O cigano pensou uns momentos e foi...

Foi e não voltou.

GONÇALO ENRIQUES

# AS MEMORIAS DE MISTINGUETT

Crónica por João Ameal

**T**RAZEM-NOS os jornais franceses a noticia duma «première» das mais sensacionais: Mistinguett, como quem lança o seu canto de cisne, vai publicar as suas memórias...

As memórias de Mistinguett! O que elas devem trazer-nos de inesperado, de indiscreto, de escandaloso! Todos nós sabemos que a grande «Miss», é hoje, no mapa da «Europa galante» (como diria Paul Morand) uma das principais detentoras do «récord» das aventuras célebres. Nem é preciso ir muito ao fundo da nossa memória para recordarmos a anedota famosa do príncipe oriental que foi chamado, dos braços de Mistinguett—para o trono... E aquele outro episódio conhecido duma notável aristocrata inglesa que escreveu uma carta humilde à «vedette» implacável—a pedir-lhe, por esmola, a restituição do seu noivo...

Há isto—e há muito mais. Há, por exemplo, a intimidade misteriosa, atordoante, do «Moulin»—as suas pequenas intrigas, as suas apoteoses de folia, as suas histórias de encontros inesperados (sim, porque essas histórias não se passam unicamente nos artificiosos segundos actos das operetas!). Poderia haver, também, as suas misérias, as suas amarguras, os seus conflitos dramáticos, se Mistinguett fôsse uma poetisa da boémia, como é a Colette de «L'envers du Music-Hall». Mas não. Mistinguett deve apenas interessar-se pela porção do carnaval extravagante e desenfreado que tenha conhecido na sua vida de «estrêla» do «Moulin...» E o seu livro de memórias será, com certeza, antes de mais nada, um novo palco, onde Mistinguett (hoje, já em decadência, e ainda há pouco tão alvejada pelas ironias impiedosas de Rip) possa retomar, segura do triunfo, o seu

belo papel de protagonista... E vamos ter, fatalmente, uma exhibição insistente e narcisista de Mistinguett: o seu auto-retrato; o seu perfume, o seu gato, o seu autor e o seu teatro preferidos; as suas manias, as suas excentricidades, os seus talentos ignorados; enfim, sempre no máximo «relevo», no primeiro plano, enchendo a scena, como duas colunas de Hercules, as inevitáveis, as celebradíssimas, as insolentes e as estatuais pernas de Mistinguett, o seu «talismán» de glória, o seu par gêmeo de «mascotes»...

Dizia Gautier (o velho Thés) que o homem podia ser duplo, mas que a mulher podia ser tripla... Isto quer dizer que a mulher pode ter todas as faces—usar todas as mascarar. E é ao desdobramento das mascarar de Mistinguett que vamos assistir, através dos seus capitulos. Cada capitulo, cada Mistinguett... E verão que nos servirá as imagens mais imprevisas, mais contraditorias: desde a aventureira ultra-romantica, presa a qualquer amor ingenuo e anonimo, como a «Sapho» de Daudet—até à «allumeuse» modernista, escolhendo o seu «gigolo» entre as dissonancias estridentes do «jazz»... Oh, o frizo variado e pitoresco dos avatares de Mistinguett! E o que são, afinal, memórias de mulher, sobretudo memórias de actriz—senão um desfile de todos os personagens que ela quiz ser, na sua farandola de caprichos?

...E a proposito, recordo-me duma outra Mistinguett (menos celebre...) com quem fal-i um dia. Era italiana. E julguei-me obrigado a fal-r-lhe em d'Avunzio. Qual o meu espanto quando a ouço declarar-me, categorica;

—«D'Avunzio? Cest une bête!»

«Une bête»—assim, sem mais nem menos, o maior poeta latino deste seculo, o grande epico das «Vitorias mutiladas», o conquistador glorioso de Fiume?! Indignado, perguntei-lhe porque dissera essa heresia. E ela perfeitamente convicta, explicou:

—«Une bête—parce que, dans ses romans, il ne fait que raconter sa vie»...

Surpreendido por este julgamento sumario e sem querer discutir a sério, sem querer responder-lhe que, afinal, todos os artistas não fazem quazi outra coisa do que contar, estilizando-a, a sua propria vida, supuz triunfar com uma interrogação cruel:

—«Allors?! Est-ce que vous voudriez qu'il raccontât votre vie, à vous?»...

Mas quem triumphou inteiramente, foi ela, com esta afirmação orgulhosa:

—«Ma vie? C mme si un seul homme suffisait pour la raconter!»

E agora, pergunto eu: Bastará simplesmente uma mulher—embora seja a propria Mistinguett—para contar a vida de Mistinguett?!...

JOÃO AMEAL

## HUMORISMO



—Tinha vontade de fazer uma surpresa ao meu noivo; o que me aconselhas?

—Diga-lhe quantos anos tem...

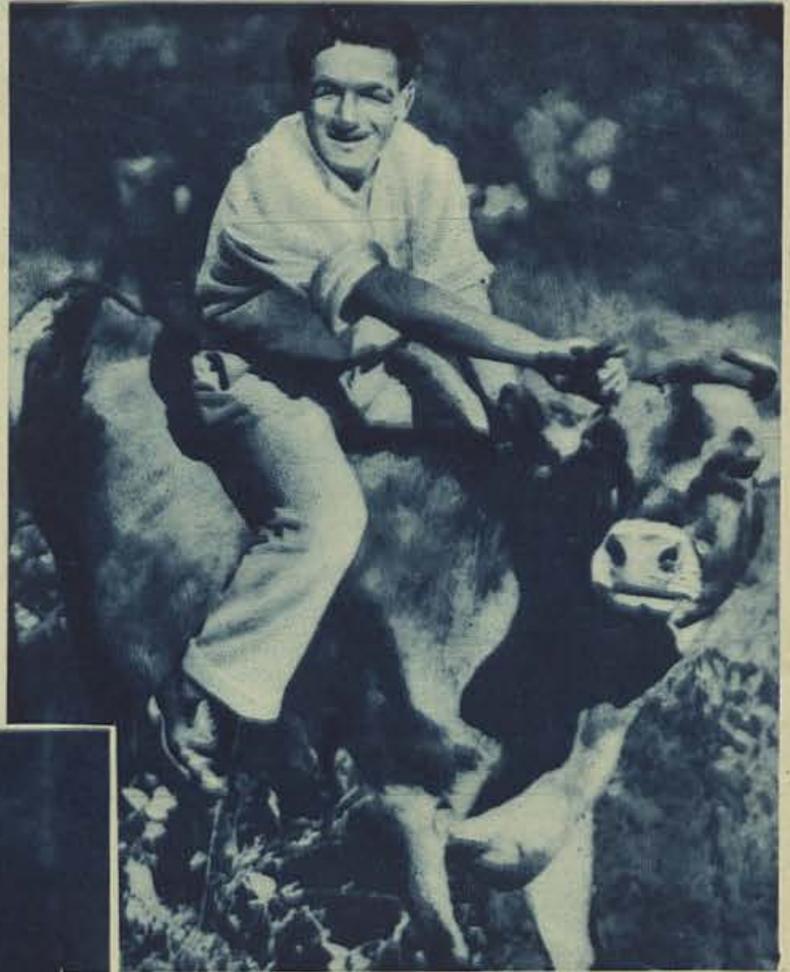
# SPORT



André Routis, no seu «camping», montando uma das suas vacas.

Alfredo Duarte Rodrigues.

Mlle Neveu, o «Guillemot feminino».



**A**LFREDO Duarte Rodrigues merece o lugar de destaque que o «Noticias Ilustrado» lhe dá hoje na sua pagina desportiva.

Organizador e propagandista, marcou brilhantemente como tal, ha uns 14 para 20 anos. Foi director da União Velocipedica Portuguesa, ficando ligadas á sua guarda iniciativas de grande valor, e foi director da extinta revista «Tiro e Sports», onde outras iniciativas suas fizeram reacçar o seu nome, entre as quais o Campeonato Ciclista Militar e a Corrida de Maratona, duas magnificas provas, sempre esplendidamente orga-



nizadas, que desapareceram com a retirada de Alfredo Duarte Rodrigues das lides desportivas, e ainda as excursões alpinistas á Serra da Estrela.

Dotado de uma actividade e persistencia febris, o seu concurso foi sempre extraordinariamente valioso e ainda hoje algumas agremiações conhecem a utilidade que para elas seria a volta de Alfredo Duarte Rodrigues aos trabalhos de organização.

Acompanhou em tempos uma missão desportiva ao Brasil, onde realizou notaveis conferencias, e ha pouco ainda acalentava a ideia, que ainda não abandonou, de um grande passeio desportivo aos Açores.

Alfredo Duarte Rodrigues, que é uma das mais brilhantes figuras dos serviços forenses, tendo sido ainda ha pouco a «alma» da organiza-

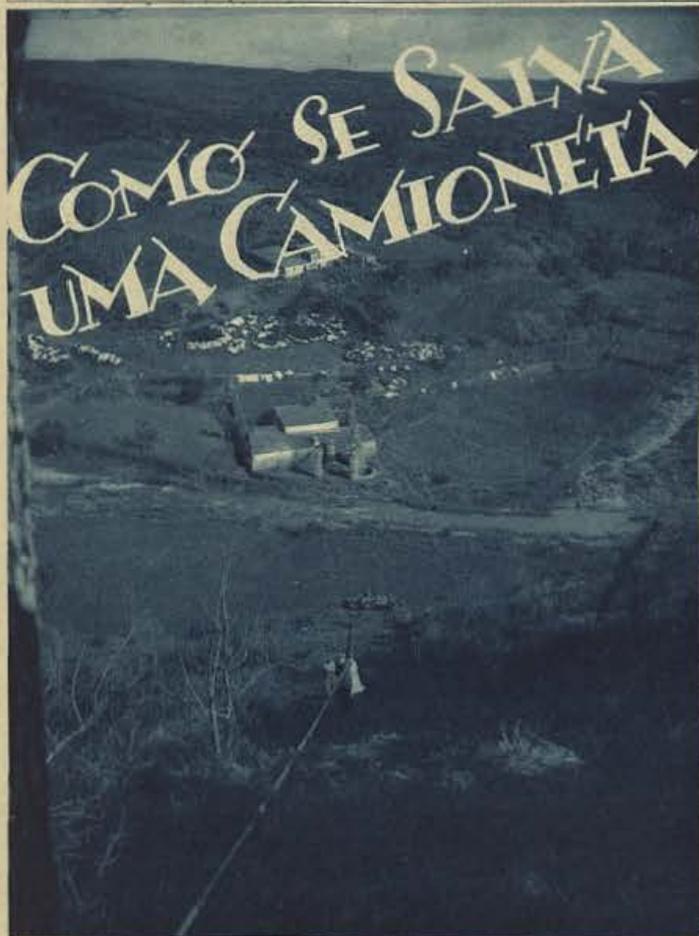
(Continuação na pagina 11)

Na parochial de S. Jorge de Arroios realisou-se o enlace da sr.ª D. Adelaide da Silva Marques com o sr. José Pedro Muralha Junior.—(Clichés Ferreira da Cunha.)



## CASAMENTOS ELEGANTES

EM BAIXO: — O da Sr.ª D. Leonor de Faria Machado Bastos com o industrial sr. Antonio de Carvalho Gomes.



Um detalhe da camioneta



EM CIMA, «á esquerda». — A camioneta depois de rolar por um declive com cento e tantos metros. — A DIREITA: — Um outro aspecto da camioneta. — A ESQUERDA, «em baixo» — O engenheiro Eurico de Castro, assistentes e um redactor do «Noticias Ilustrado». (Clichés Ferreira da Cunha)

A moderna engenharia dispõe hoje de elementos que, se fossem vistos pelos nossos avós, certamente os espantariam. Dia a dia o trabalho incansável do Homem vai tecendo novos elos á enorme cadeia do Progresso.

Em Louza ha dias uma camioneta tombou num abismo, com cento e muitos metros. O terreno é resvaladiço, de barro peganhento, encharcado pelas ultimas chuvas.

Pois, por meio de um jogo de differencias habilmente montado, o engenheiro Eurico de Castro, apoz o estudo do local conseguiu trazer para a estrada a camioneta que jazia lá em baixo, como se pode verificar nas nossas gravuras.

Antigamente só se poderia trazer a camioneta depois de desmanchada, peça por peça, e mesmo assim seria necessario esperar pelo estio dado o logar onde se deu o desastre.

## Bombeiros Voluntarios de Mafra

QUANDO das ultimas festas realizadas na importante vila de Mafra, o nosso correspondente fotografico nessa localidade, fixou os Bombeiros Voluntarios e Sociedade 1.º de Dezembro, quando, festivamente, percorriam as ruas.

(Clichés Alves Gato)



# ecos, noticias e curiosidades

## Carnaval dos vivos e dos mortos

**ARLEQUIM** dorme, pallido e cansado, olhos imersos numa penumbra doirada, boca vermelha mas já torcida, e nos pés a guitarra — partida como a sua alma.

Quem sabe se sob as suas palpebras roxas, o Carnaval perpassa ainda, numa farandula de gritos e de corpos, bocas perdidias por um beijo, abraços galantes, mascarilhas negras que nós não sabemos adivinhar?

A alegria morreu! E com ela o amor, a loucura destas três noites em que a vida foi bela e embriagante à força de iluzão e de misterio. Quantas mulheres se debruçaram sobre os nossos sentidos chamejantes? Quantas mentiras feitas carne e lama, nos adorámos no efemero anseio de transpôr o tempo e imortalisar o desejo?

Fallaram tantas mascaras... A da mocidade, colorida como as flores na sua tinta fresca e pagã! A do amor, nua na sua beleza viril que canta por um sorriso, e nos embala a vida inteira, embora, às vezes, nos faça chorar! E essa outra mascara distante e transparente, claridade divina e eterno desejo à superfície morta das almas, que é a felicidade!

Outras vieram, e essas não desaparecem: são de todos os dias. A traição, punhal oculto, dominante e alluvia: a Miséria, faminta, a rir como os loucos e por todos espalhada; o Rancor, mostrando os colmillos da vingança, rasgando impune e sorrido os veus do nosso sonho, da nossa alma...

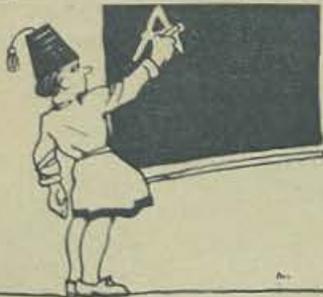
Três dias, apenas! Já a cina da penitencia cai sobre os que o reungaram. E' com os labios esvaiziados de desejos que eles vão rezar. Será mais breve a sua culpa, mas nem por isso desaparecerá. A ferida do mal não sarará nunca, e o seu sangue é vivo, rutilante, insaciavel...

A. P.

## O alfabeto dos turcos

**TODOS** os turcos, actualmente, são meninos de colégio, aprendendo o A. B. C. ...

Dos mais humildes aos mais poderosos, dos mais jovens aos mais idosos, todos obedecem ás ordens de Kemal Pachá. Foram abertas escolas especiais, para ensinar a escrever em caracteres latinos. Os jornais já puseram de parte o alfabeto arabe. Dos catorze aos quarenta anos todos os turcos são obrigados a receber lições de escrita, durante quatro meses, findos os quais serão sujeitos a um exame. Os que não cumpram esta deliberação do Ghazi serão castigados, segundo uma jurisdicção especial. O correspondente do «Times» em Angora relata que, segundo os cálculos de Mehmed-Emi bey, director da Instrução Publica, meio milhão de pessoas seguem cursos nocturnos para aprendem

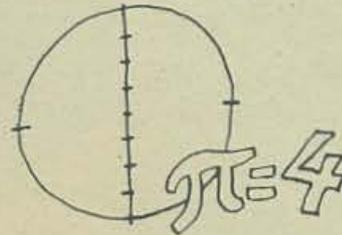


dezagem do alfabeto. Em 6.150 escolas elementares e 70 escolas secundárias, 664.000 crianças dos dois sexos aprendem a ler e a escrever os novos caracteres. Este numero representa o décimo da população total da Turquia.

## O valor de «Pi»...

**ARQUITECTOS** e matematicos americanos reuniram-se para mudar o valor do numero (designado por uma letra grega que se

lê «pi» (que indica a relação entre a circunferência e o seu diametro. Esse numero, expresso imperfeitamente por 3, 14159, isto é, um valor incerto, ser la substituído pelo numero 4,



que, além da vantagem de ser preciso tem ainda o de ser divisivel por dois. Esta mudança teria só applicação nos calculos relativos á industria de construcções. Escusado será observar que, a sor aceite a referida proposta, os preços já tão elevados das construcções aumentariam, devido ao aumento desse multiplicador.

## Escola de ladrões

**JULGAM** os leitoras naturalmente, que só na fantasia dos romancistas, existem semelhantes estabelecimentos de «ensino». Enganam-se. A policia alemã acaba de descobrir, em Hamburgo, uma escola de gatunos (especializada em «pickpockets»), fundada há vinte e dois anos



por um velho «escroco» polaco, hoje retirado das lides do «ensino» e gosando os seus rendimentos, tranquillamente, em Lwow. A sua escola de Hamburgo passou, no espaço de vinte e vinte e dois anos, perto de dois mil diplomas, o que prova não só a proficiência dos professores como a notavel applicação dos alunos. Da escola do polaco ninguem sala sem o seu diploma. Em 1923 a escola abriu em Praga, uma sucursal, que não prosperou, talvez porque os habitantes da Boemia, sendo boemios — teem pouco que roubar...

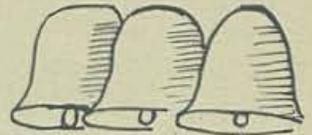
## Lloyd George humorista

O ex-primeiro ministro britânico, esse esfingico velhote impassivel que os «ezes» do jornalismo lisboeta não conseguiram fazer sair do seu premeditado silêncio, vai agora publicar as suas memórias. Razão tinha Lloyd George em não conversar com jornalistas, que o mesmo é do que falar com todo o mundo... Guardou tudo quanto tinha a dizer, para é-te livro, que lhe vai trazer uma fortuna, sendo possível, contudo, que tambem origine conflitos e discussões. O velho adversário de Lord Asquith tem, segundo parece, uma pena tão caustica como a sua lingua, e não hesita em pôr os pontos nos li, sempre que é preciso e doe a quem doer. A propósito, recordam-se agora alguns dos seus ditos de espirito, um pouco mordazes. Este, por exemplo: Lloyd George discursava, durante um comicio extremamente bulhento, em pleno país de Gales. Entre os desordeiros, destacavam-se algumas mulheres que, a todo o momento, interrompiam o discurso, injuriando o orador. Em dado momento, uma dessas mulheres, verdadeiramente fora de si, grita, para Lloyd George

«Se fosses meu marido, dava te veneno!» E Lloyd George responde, acto continuo. — «E é que eu o tomava, se a senhora fosse minha mulher!»

## As gêmeas e os sinos

**EM** Guingamp, velha cidade bretã, «aconteceu agora um caso bastante curioso. No mesmo dia em que entravam, em Guingamp, três sinos destinados à basilica, nasciam na mesma cidade, e em casa dum carnicero, três gêmeas. No mesmo dia entravam em Guingamp três vo-



zes e três almas. Imediatamente se pensou em baptizar solenemente as três pequenitas, no dia da inauguração dos sinos. E, se bem o pensaram, melhor o fizeram... Na velha igreja, houve uma cerimonia encatadora: rezaram-se três «Te Deum» ouviram-se três magestosos repliques de sinos, receberam-se três benções baptismaes... As meninas tiveram madrinhas ricas, á falta de boas fadas generosas, que viessem bem fadá-las... E assim acabou o primeiro capitulo da história dessas três gêmeas de Guingamp...

## Não matará...

**AINDA** não está — e não o estará tão cedo — esquecido o terrivel drama de que foram protagonistas M. Calmette, director do «Figaro», e Madame Callaux, esposa do conhecido politico francês. A mulher que matou, a tiro, Gastão Calmette, é que, por momentos, parece esquecer o drama...

Estando em vésperas de partir para a provincia, para Marners, onde seu marido vai convalescer das consequências dum desastre de automóvel; Madame Callaux, responde a um grupo de amigos, que se admiram dela não se aborrecer, longe de Paris: «Não, não me aborreo nunca. Faço sport, ando muito a pé e exercito-me em tiro ao alvo...»



Inútil dizer que esta resposta causou um calafrio, no grupo de amigos daquela mulher que talvez já esquecesse o seu drama, como esqueceu as palavras do evangelho: «Não matará...»

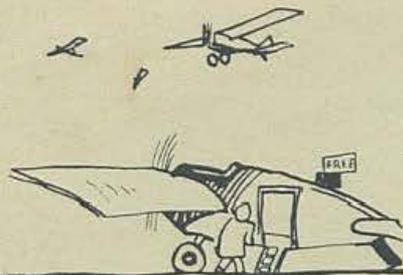
## Curiosa comemoração

A cidade de Meissen, onde se fabrica a porcelana de Saxe, vai celebrar o milésimo anniversário da sua fundação.

Durante as festas desse anniversário, edificar-se-ha uma igreja, que será única no mundo, no que respeita à sua decoração interior. Trata-se duma igreja comemorativa dos mortos da guerra, cuja decoração interior será toda de porcelana.

## Taxis aéreos

COMEÇOU a prestar serviços, no fim de Janeiro, uma linha de taxis aéreos, entre Calais e Douvres. Nela, são utilizados nns pe-



quenos aviões de quatro lugares. Não é permitido levar bagagem alem de pequenas malas de mão. O preço da viagem é 2 libras e meia. Para obter um desses taxis-aviões, é necessário garantir o pagamento mínimo de dois lugares, mesmo que se trate de um só passageiro

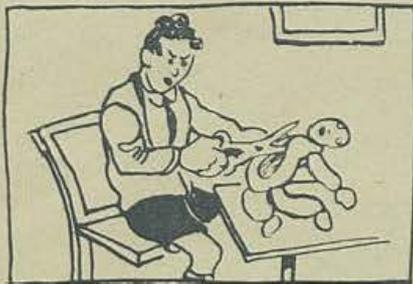
## Coincidência

UM interessante magazine lisboeta publicava um artigo ilustrado, sob o título «O sorriso do Rei de Espanha» no próprio dia em que o soberano espanhol chorava perante o cadáver de sua mãe. Uma simples coincidência. O magazine vinha a público no dia seguinte aquele em que, entre os braços duma áia, expirava repentinamente a nobre senhora que, em tão difíceis horas, soube levar a porto de salvamento uma grande nau de Estado. O magazine estava feito, quando chegou a notícia; era impossível substituir o artigo. Mas não deixa de ser curiosa a coincidência que põe diante dos nossos olhos o sorriso largo e franco do rei de Espanha, no preciso momento em que esse sorriso se apagou, decerto por muito tempo. Afonso XIII foi o grande enlêvo daquela a quem Deus fez a mercê de chamar a si brandamente, num leve suspiro que não chegou a quebrar o silêncio pesado do Palácio do Oriente, adormecido. Por muito rei que sejá é homem bem capaz de sentir a enorme perda que sofreu.

## Médico e humorista

O professor Fernando Vidal, recentemente falecido em Paris, com sessenta e sete anos, era uma verdadeira sumidade médica. Foi ele quem demonstrou a propagação da febre tifóide por intermédio da água. Descobriu o fenómeno da aglutinação dos bacilos tíficos pelo «serum» dos doentes, o que trazia um processo de diagnóstico duma rara segurança.

A êle se deve, em grande parte, a invenção e preparação da vacina antitífica, cuja eficácia



foi constatada durante a guerra, e que é hoje universalmente adoptada.

O seu prestígio, junto dos seus alunos e de muitos médicos, era enorme. No primeiro dia de cada ano recebia a solene visita dos seus admiradores e ouvia um longo discurso. Apesar disso o aborrecer, todos os anos fingia estar encantado com a «surpreza», e dizia aos seus íntimos: «Então, que querem? Se lhes dá tão grande prazer o julgarem que me dão prazer...!» O professor Vidal não poupava alguns colegas e, m dia, pronunciando-se diante dele o nome dum cirurgião que fizera uma carreira pematado rápida e espalhafatosa, comentou: «Sim, é um rapaz uue sempre manifestou a sua

# CRONICA DE SPORT

Continuação da paginas 8

ção das Camaras dos Solicitadores, não deixou por este motivo de encontrar, apesar dos seus multiplos afazeres, o tempo necessario para se ocupar um pouco e de novo das coisas desportivas, que muito precisam de actividades e de inteligencias do valor por ele sempre demonstrado.

Guillemot é um dos melhores corredores pedestres da França. Porque os franceses chamam a Mlle. Neveu o «Guillemot feminino», poder-se-há fazer ideia do que vale uma gentilissima rapariga, que desde os 15 anos se dedicou às praticas do desporto.

Mlle. Neveu, que hoje tem 22 anos, principiou pois a fazer desporto em 1921. Em 1922, impoz-se, triunfando no Cross do jornal «L'Auto», no campeonato de Paris e no campeonato de França, em «cross country» também. Foi enviada a Monte-Carlo, aos primeiros Jogos Olimpicos Femininos, e foi segunda classificada nos 800 metros, batida por Miss Bath, de quem mais tarde se desforrou, em 1923, batendo-a na mesma prova. Até 1926, Mlle Neveu nunca mais foi batida. Em 1927, afastou-se das lides desportivas, mas voltou, ganhou novamente o seu titulo de campeão de França e abaixou o record nacional dos 800 metros.

O desporto nacional, em quasi todas as suas manifestações, não é tomado a serio nem pelos que dizem praticá-lo, supondo que praticar desportos é brincar ao foot ball e a outras coisas, sem atender senão ao aspecto da vaidosa exi-

vocação... Quando era pequeno, furava o ventre a tódas as bonecas que encontrava, para vêr o que havia lá dentro. Infelizmente, nunca era capaz de as concertar!

## Uma attitude discutível

O marechal Foch adoeceu gravemente—sabe-o todo o mundo—with uma perigosa crise cardíaca. Paris inteiro, e a França e o mundo, se alvoroçaram. A residência do vencedor da guerra acorreram todos os representantes do corpo diplomático, menos um: o embaixador da Alemanha. Um jornalista quis saber o motivo de semelhante abstenção, que os franceses estranharam muito, principalmente por não ignorarem que o seu embaixador em Berlim, o sr. de Margerie, cumpre todos os deveres de cortezia, para com o marechal de

# AUTOPIANOS

CASA ESPECIALISADA  
JANUARIO NUNES & C.<sup>a</sup>  
(FILHOS)

Pianos para rôlos tri-  
viaes e de interpreta-  
ção mundial  
108, R. dos Retrozeiros, 110  
LISBOA

bição, pondo de parte a preparação fisica e o treino orientado.

Duma forma geral, o desporto português é uma entrudada de todo o ano. Assim se explica que fartos da sua entrudada de todo o ano os nossos desportistas não tivessem dado sinal de si nestes dias que passaram, cedendo a vez aos outros follões.

André Routis, o magnifico pugilista francês que na America do Norte conquistou o titulo de campeão do mundo dos meios-leves, batendo Canzoneri, aprecia muito intensamente os prazeres da vida campestre porque neles encontra salutareos resultados, não menos beneficos à sua carreira do que o treino duro e violento do seu metier.

Routis possui uma bonita herdade, onde pratica os exercicios naturais do campo e onde cria as suas vacas, exemplares de raça.

É interessante em pouco de historia deste Routis, que hoje tem 26 anos e é de Bordeus. Em 1915, tinha Routis 13 anos, morreu-lhe o pai na guerra e a mãe não sobreviveu mais do que oito dias, morta pela dôr profunda. Routis achou-se sosinho no mundo e não quiz tocar num capital que seus pais tinham num Banco, nem até hoje ainda lhe tocou. Meteu-se corajosamente à vida, fez-se aprendiz de mecanica e, quando foi chamado ao serviço militar, aproveitaram-lhe os seus conhecimentos. Foi para Marrocos e ahi conheceu o antigo pugilista francês De Ponthieu, já então retirado e dirigido uma escola de cultura fisica e box. Despertou então no seu espirito o entusiasmo pelo box e a sua carreira tem sido uma rapida ascensão, de triunfo a triunfo, até ser campeão de França, campeão de Europa e agora campeão do mundo.

MARIO SANTANA

Hindenburg, O jornalista curioso foi recebido por um conselheiro da embaixada, o qual se limitou a pôr as mãos na cabeça e a exclamar: «Não, nunca, nunca me dirigiram uma pergunta tão indiscreta!»

## Antroponímia Portuguesa

QUE surpresas nos traz o magistral trabalho do sábio Leite de Vasconcelos sobre os nomes próprios e apelidos portugueses! Cada um de nós fica sabendo o que significa o nome que nos coube em sorte. Há cousas que toda a gente sabe. Nenhuma Irene, por exemplo, ignorava que o seu nome significa «Paz», em grêgo. Mas tódas as Eufalias saberão que são «bem falantes» e tódas as Eufrosinas saberão que são «bem pensantes...?» E se tódas as Olivias sabem que são «azeitonas», todos os Crisóstomos saberão que são «bocas de ouro...?» Mas

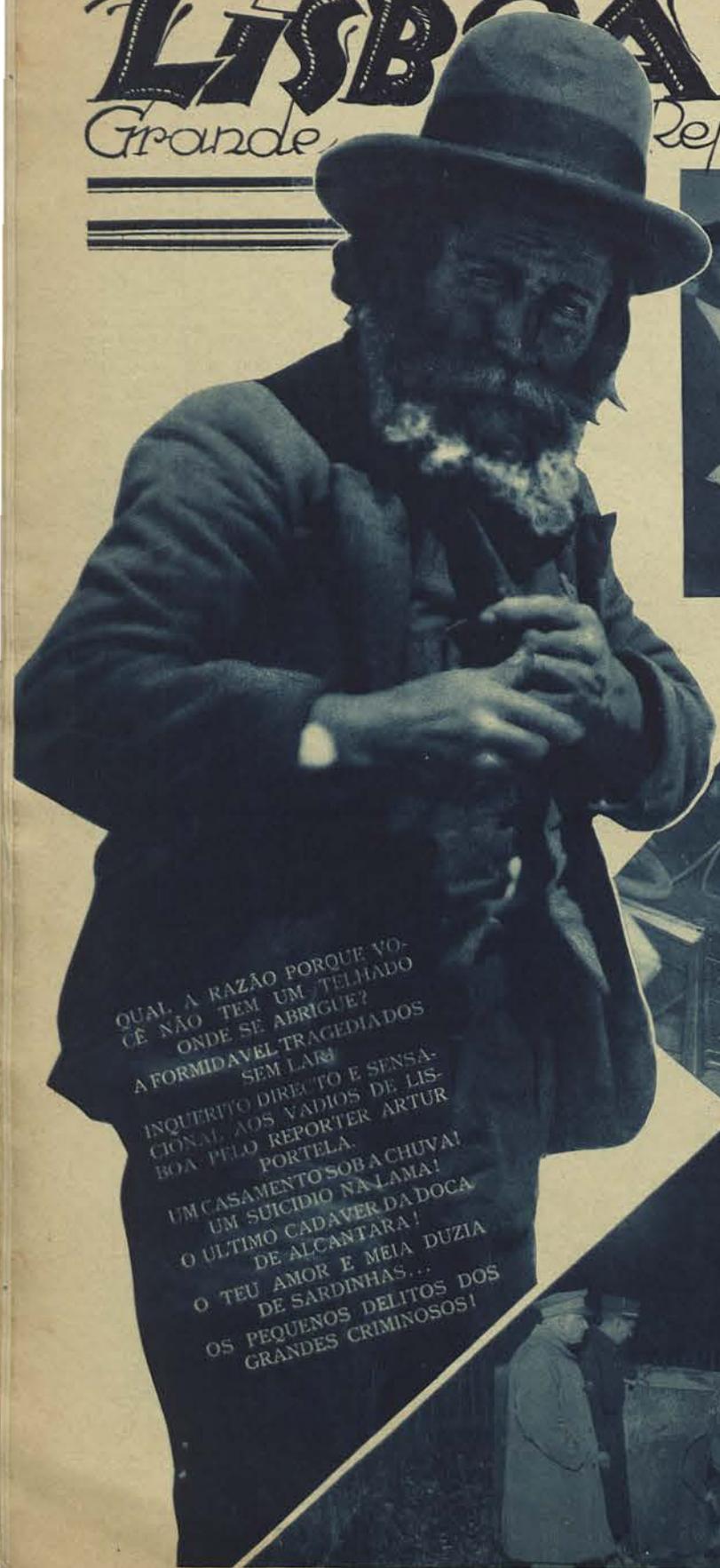


surpreza desagradável devem ter os Hemitérios ao saherem que o seu nome significa... «vomitério...!» Que lindo pensamento tiveram os papás de todos os cavalheiros que, na pia baptismal, receberam este misterioso nome de Hemitério...

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

# LISBOA MISTERIOSA E NOCTURNA

Grande Reportagem dum a Rusga aos Cadastrados e Vadios dos Caes



QUAL A RAZÃO PORQUE VOCÊ NÃO TEM UM TELHADO ONDE SE ABRIGUE? A FORMIDAVEL TRAGEDIADOS SEM LARI INQUERITO DIREITO E SENSACIONAL AOS VADIOS DE LISBOA PELO REPORTER ARTUR PORTELA. UM CASAMENTO SOB A CHUVA! UM SUICIDIO NA LAMA! O ULTIMO CADAVER DA DOCA DE ALCANTARA! O TEU AMOR E MEIA DUZIA DE SARDINHAS... OS PEQUENOS DELITOS DOS GRANDES CRIMINOSOS!



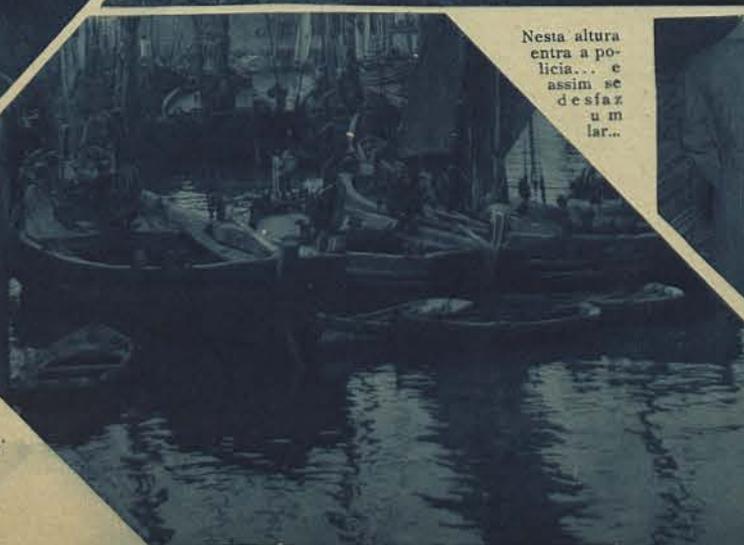
Depois da «Pesc» e já quando é alta a noite, a identificação vae-se fazendo nas salas da Policia Maritima... A bordo dos velhos rebocadores...



Nesta altura entra a policia... e assim se desfaz um lar...



Dentro das caldeiras... passava-se a noite bem... De manhãzinha, o caos desperta...



Surpreendidos em pleno «Hotel Pinho»!—(Clichés Ferreira da Cduh)



# Miscelanea feminina

## A engorda das noivas — Pudor um tanto tardio — O verso e o reverso da medalha

A moda soberana e onnipotente exige a mulher estilizada, alta, de linhas finas e esguias. As virgens e os anjos papucos de Rafael deram lugar às frequentadoras dos chás da Garrett e da Versailles que o lapis do nosso Bernardo Marques retrata com fidelidade absoluta.

Mas se isto succede em terras da velha Europa e da nova America, a Africa protesta como melhor sabe e pode contra a estilização da mulher. Muitas regiões do Continente Negro são outras tantas terras de eleição da mulher gorda, anafada, paquidermica, enfim. A estetica particular dessas regiões aprecia em alto grau a obesidade e uma lenda muito espalhada por palhotas e cubatas quer que as mulheres corpulentas tenham um caracter muito mais benigno, docil e afavel do que as mulheres magras. Seja, porem, assim ou não, nos paizes musulmanos do Norte de Africa-Tuniz'a, Argelia e Marrocos—as mulheres dedicam à conservação da sua gordura os mesmos afans e trabalhos que as nossas elegantes empregam para não perderem a linha estilizada em voga. Os tuaregs igualmente procuram noivas gordas e anafadas.

Na Nigéria do Sul engordam-se metodicamente as raparigas como se fossem aves de capoeira e, logo que a negra donzela atinge a idade nubil e que um enamorado dos seus encantos contracte com os pais da sua futura consorte o quantitativo do dote, a «alimbarada» pequena é fechada a sete chaves. Durante os mezes que decorrem até o casamento não sáe nem fez o minimo exercicio: as suas unicas occupações são comer á tripa forra e dormir. E os pais vigiam atentamente a engorda. Ai da rapariga se pretende escapullir-se ao rigoroso tratamento prescrito. Meia ou uma duzia de vergastadas, fornecidas a tempo e horas, tiram-lhe todas as velezidades de resistencia, à engorda, porque o

trato por todos os recantos do Globo, e entregando-lhe uma corôa, um sceptro e... um contracto para as «Folies Bergeres».



O papel não era muito difficil de representar. Mlle. Simone limitava-se a estar uns escassos minutos em scena, onde pouco ou nada dizia. Por ela falava a sua plastica, pois levava um vestido... um vestido que parecia talhado nos mesmos moldes daquele com que a nossa mãe Eva passeava pelas umbrosas aleas do Paraizo.

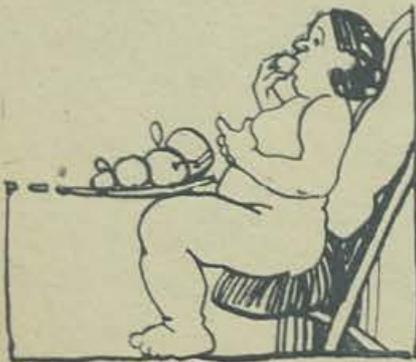
Era aplaudida com delirio, mas os calorosos aplausos dos seus inumeros admiradores não a impediram que, um dia destes, entrando no gabinete do empresario, lhe declarasse pouco mais ou menos o seguinte:

—Devolvo-lhe o papel que me confiou. O meu poder, a minha familia estão alarmados por me verem quasi nua deante de tanta gente. Gritam-me «A rainha de Paris deve velar os seus encantos».

E falando assim a rainha, como uma rainha partiu... para nunca mais voltar.

O empresario é que, sem respeito nem consideração pela dignidade real demanda no tribunal Mlle. Simone, reclamando dela 800 francos, por falta do cumprimento do contracto.

—Longe de ser condenada, a minha cliente deveria ser felicitada por tão magnificamente ter



negocio é serio. O noivo se a rapariga não cria banhas, tem o direito de rescindir o contracto lá se vai o dote por agua abaixo.

Debalde os missionarios tem empregado o melhor dos seus esforços para acabar com este deprimente estado de coisas. E' moda e a moda mesmo entre os selvagens é uma coisa tão respeltada como entre os povos civilizados.

\* \* \*

M. LLE. Simone Gabard era um encantador mas modesto manequir da Rua de La Paix que levava o dia a vestir e a despir as riquissimas «toilettes» que as millionarias, aristocratas, actrices, cantoras, dançarinas e mundanas em voga, depois ostentariam. Vivía satisfeita e sorridente com o seu mister até que um dia a Felicidade a visitou, elegendo-a rainha de Paris, fazendo circular o seu nome e o seu re-

—Des minutos debaixo de agua já é coragem!  
—Ora, ora, ha quem esteja mais de uma hora...  
—Oh! mas isso é um verdadeiro campeonato.  
Onde está esse arrojo?  
—Na morgue...

prestado homenagem ás leis da decencia, brada o advogado da formosa demandada—

—Isso não pega, reponta o representante da Empresa. O ano passado houve em scena «vestidos mais despidos» do que os de Mlle. Simone e quem os ostenta jamais formulou o minimo protesto.

Emquanto o juiz não resolve diremos nós:  
—Será de facto a decencia que influiu no espirito da formosissima rapariga para a levar a tomar tal resolução ou não seria por exemplo, reconhecer que, demasiadamente expostos os seus encantos aos olhos dos admiradores já não exerciam a fascinação que provocam, quando discretamente velados?

\* \* \*

EM terras do Norte da America a mulher é uma terrivel competidora do homem em todos os ramos da actividade e progresso. Nas sciencias, nas artes, na industria, no commercio, no mundo dos negocios, vêmo-la marcar um logar cuja importancia irrisoria seria negar-lhe. Duas biografias comprovam esta asserção.

Mistress Edward Wilde, uma das mais activas, entre as activas «business-women» de terras do tio Sam é directora geral da Companhia de Material para Ascensores e a sua acção exerce-se simultaneamente em Filadelfia, Cleveland, S. Francisco, Detroit e outras cidades. Identificada em absoluto com seu marido, fundador desta grande empresa, ao ficar viuva, não só pde prosseguir na obra triunfantemente iniciada como soube ampliar consideravelmente a sua acção. A outra, Miss Mary E. Dillon, eleita nos principios do corrente anno para a presidencia do conselho de administração da Companhia do Gaz de Brooklyn Borough, começou a trabalhar, há cerca de vinte anos, como simples empregada dessa companhia e gradualmente ascendeu, na escala hierarquica, até atingir o mando supremo dela.

Toda a medalha tem reverso. Acabamos de ver a mulher, dignificando o seu sexo, igualar o homem nos postos avançados da plutocracia e vamos vê-la, embora dotada de todos os predicados para triunfar na vida moderna, descer à degradação da ladra asquerosa e vulgar.

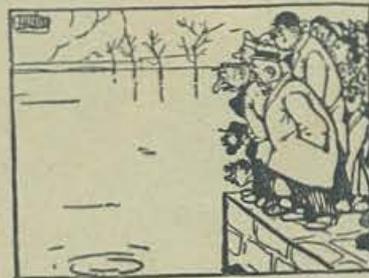
No dia 25 de janeiro findo a policia parisiense deitou a mão a Mlle. Josephine Jamet, sobre quem impendia a accusação de ter praticado furtos cujo valor ia além de um milhão de francos. Bonita, insinuante, instruida pois além de diplomada por Oxford, fala corretamente tres idiomas, Josephine Jamet conseguia ser admitida, como caixeira, nos principais armazens de Paris. A sua assiduidade ao trabalho, o seu trato afavel, o seu desembaraço, numa palavra todos os requisitos necessarios ao exercicio da



profissão os demonstrava possuir de sobrejo a nossa «heroína» que não tardava a possuir a inteira confiança do dono ou donos do estabelecimento. Um belo dia, porem, desaparecia e, passado pouco tempo, reconhecia-se que algumas dezenas de milhar de francos de objectos de valor haviam igualmente desaparecido. A scena repetiu-se durante dois anos frequentissimas vezes porque Josephine Jamet mudava de nome sempre que mudava de estabelecimento, afim de despistar a policia.

Depois do que fica dito uma conclusão se pode tirar: no mundo dos negocios, como em tantas outras coisas, a mulher não é... nem peor nem melhor que o homem.

SAUL TOPASBA



# CRONICA DE LIVROS

*ALELUIA—versos de Graciette Branco.*

GRACIETTE Branco, a única poetisa cujo nome é familiar às crianças portuguesas, não se contentou—e teve bem justificada razão para isso—com a invejável gloria dos aplausos infantis. Quis também publicar versos para a gente crescida, embora não fossem versos para toda a gente. Bem haja. Só merece incitamento e louvor—, diz lho alguém que vem olhando, com a mais carinhosa atenção, o seu ainda breve mas seguro trilho literário.

Especializando-se na poesia infantil, Graciette Branco só poderia ter composto versos como estes do seu primeiro livro: versos claros e inocentes, cor das almas a abrir, e onde se descobre uma emoção primitiva, um irreprimível anseio de confissão plena, de infinita comunhão com milhares de almas azuis e transparentes... No jardim do seu livro, há versos que são ervas humildes, e versos que são trepadeiras orgulhosas; há os que respiram resignação e os que sonham impossíveis—ingenuas enormidades—de candura e misticismo. Unificando, defendendo e nivelando todas as páginas, um docel de puríssima clividade, de flagrante e intacta pureza.

Prefiro a primeira parte do livro e, nesta, distinguo a poesia «Primeiros Passos», que, por si só, concede à sua autora os foros de poetisa a valer e de valor. Nos sonetos, Graciette Branco é menos original, dum sinceridade mais escravizada pela forma; numa palavra: é menos Graciette Branco...

O livro «Aleluia» revela, indiscutivelmente, uma curiosa personalidade literária, que—tudo o indica—poderá, em breve, impôr-se as mais incondicionais admirações. O único perigo—com a máxima franqueza o aponto—está em que sobre essa personalidade actue o espirito de imitação que, muitas vezes, nos prende à cópia dum modelo admirado e eleito, não nos deixando procurar ser apenas iguais a nós próprios, e ser, amanhã, superiores ao que somos hoje.

*INFERNO BRANCO—romance de Eduardo Frias.*

Eduardo Frias, prosador, vale mais, sem dúvida, do que Eduardo Frias, efabulador de intrigas romanesca. E' por isso que «Inferno Branco» nos fez lembrar um «filme» valorizado, sobretudo, pelas suas legendas felizes... Apesar disto—apesar da «partida» que o espirito inventivo de Eduardo Frias pregou à pena segura que lhe pedia assunto—, «Inferno Branco» é um livro de que só apetece dizer bem.

Ficaria sob o péso de ter cometido uma ingratidão, se fosse esmiuçar os pontos fracos desta obra, que me distraiu plenamente, durante algumas horas. Quero só recordar, neste momento, que Eduardo Frias é um escritor de bom gosto e de bom senso. Nas suas descrições das almas ou das paisagens, só raramente surgem palavras «difíceis» ou expressões amanceiradas. E, se as atitudes dos seus personagens são demasiado lentas ou menos humanas, não deixam, por isso, de obedecer à lógica imposta pelos seus caracteres de excepção.

Therеза LEITÃO DE BARROS

NOTA DA REDACÇÃO—Faz-se referência crítica a todas as obras de que nos for enviado «um» exemplar, oferecido à redacção ou a quem subscreve a crónica de «Livros».

O NOTÍCIAS ILUSTRADO CONTA A VIDA INTEIRA DA SEMANA

# ANTHOLOGIA

RIMANCE DAS AGUAS

*A chuva, lenta, cahta;  
e lentamente a cahir,  
fria, fria,  
parecia já sentir  
saudades d'aonde cahia.*

*E a agua clara e ribeirinha  
que vem de longe, correndo,  
e para o rio caminha,  
parece que vem dizendo,  
a suspirar:—«Tambem eu,  
tão cansada e pobresinha,  
tenho saudades do ceul»—*

*E o rio, mais fundo e largo,  
que ainda corre, doce e brando,  
eis que fica, mal entrando  
no mar, alteroso e amargo.*

*E o mar imenso, ondulando,  
marulhando longamente,  
nã confusão das lembranças  
tambem, saudoso, se perde;  
e diz, pela voz das ondas  
que vem, de longe, rolando,  
areias mortas beijar:*

*—«Tenho saudades de quando  
não era mar...»*

GUILHERME FARIAS

O NOSSO CONCURSO GRAFICO

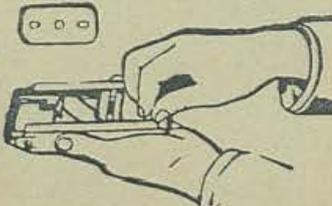
## De que cabeça são estes pés?

Em virtude da grande quantidade de respostas que recebemos à 2.ª serie do nosso grande concurso grafico não nos foi possível fazer a sua catalogação a tempo de, em o presente numero, darmos o nome dos premiados.

No proximo numero de «O Noticias Ilustrado» faremos a classificação dos sorteados.

## ALLEGRO

O unico  
afiador-  
a'ssen-  
tador de  
laminas  
garanti-  
do aos  
compra-  
dores.



SEJA ECONOMICO!!

Comprando um «Allegro» que lhe fará durar uma lamina durante muitos meses tornando-o o barbear sempre agradável.

Tenha cuidado com imitações grosseiras que só o prejudicam

A' venda em todas as boas casas da especialidade

Representantes para Portugal e Colonias

SILVA & TERENAS, LTD.

Rua do Crucifixo, 31-3.º—Telef. C. 2629—Lisboa

# CRONICA MUSICAL

NESTA semana adormeceram nas estantes das orquestras sinfônicas as partituras e os chefes de orquestra tiveram tempo para pensar no que hão de dar ao publico guloso nos concertos que no Ginasio e Tivoli vão ter lugar. Mas nem por isso a musica deixou de ter um lugar valioso nestes dias de bullicio e devairo. As festas infantis nos teatros e casas associativas deram-nos um extranho concerto de vozzitas frescas e olhitos cheios de sol. Houve afinal, musica, muita musica, houve uma primavera de oiro nascida nessas pequenas gargantas que faria inveja ás melhores paginas dos mestres consagrados e aos melhores sons de «virtuosos» de fama. Na amurada do Terreiro do Paço, onde quasi enigmaticamente reside a designação de Caes das Colunas, atracou um gracioso veleiro trazido das margens do Sado à corrente elegante de Tejo e que transportava um ramo de rosas foscas, crianças de seis a dez anos em cujas bocas brincava uma canção primaveril. Vinham pôr na vida da cidade rumorejante e anodina uma nota de clividade e de bucolismo. E as suas vozes cantavam deliciosamente a ingenuidade e a ilusão dos seus anos tenros:

Caso curioso: a pequena embarcação tinha o nome de «Dante».

Num dos bailes infantis entre a multidão creancil destaquei uma pequenina de olhos claros e figurinha esbelta caracterizada em Mozart, casaca da epoca, em lilaz e punhos de renda como no celebre quadro do Museu de Viena. Os juris dos bailes infantis nem deram por ella...

Nesta semana houve só esta musica da pequenada, zumbido encantador de abelhas des-cuidadas, melopela graciosa de almas que des-onhecem a vida.

Só houve, a serio, um concerto: A Academia de Amadores de Musica fez muito boa musica na sua festa de carnaval. Houve recitações, coros infantis e evidencição de raras faculdades por pequenos executantes de piano e violino em que tomaram parte os alunos Mario Machado, Cristiana Torres, Nicolau Cardoso Martins, Isabel Barreiro, além dum orquestra carinhosamente ensaiada e regida pelo professor Pedro Blanch.

NOGUEIRA DE BRITO

*Uma obra notável  
de Antonio Corrêa d'Oliveira*

Antonio Corrêa d'Oliveira, um dos maiores poetas portugueses dos ultimos tempos, autor de livros notáveis de grande emoção lirica, acaba de enriquecer a literatura nacional com mais um belo livro que se intitula «Teresinha» (Milagre em cinco quadros). E' um poema de grande vncção religiosa em que é elevado à mais deliciosa grandesa mística a figura insinuante e boa de Santa Teresinha de quem os nossos escritores contemporâneos se tem occupado pelo seu nimbo moral de Belesa Cristã.

O NOTÍCIAS ILUSTRADO MOSTRA-NOS A VIDA NACIONAL

VIDA ARTÍSTICA

*A Exposição Fausto Sampaio no Salão Bobone*

O pintor Fausto Sampaio expõe actualmente no Salão Bobone 39 trabalhos que têm sido muito apreciados pelo publico e aos quaes a critica tem feito largas referencias.

«O Noticias Ilustrado» reproduz nesta pagina alguns dos quadros do illustre artista.



«Retrato de meu irmão».



«Velharias» — quadro pertencente ao sr. Carlos de Seixas.

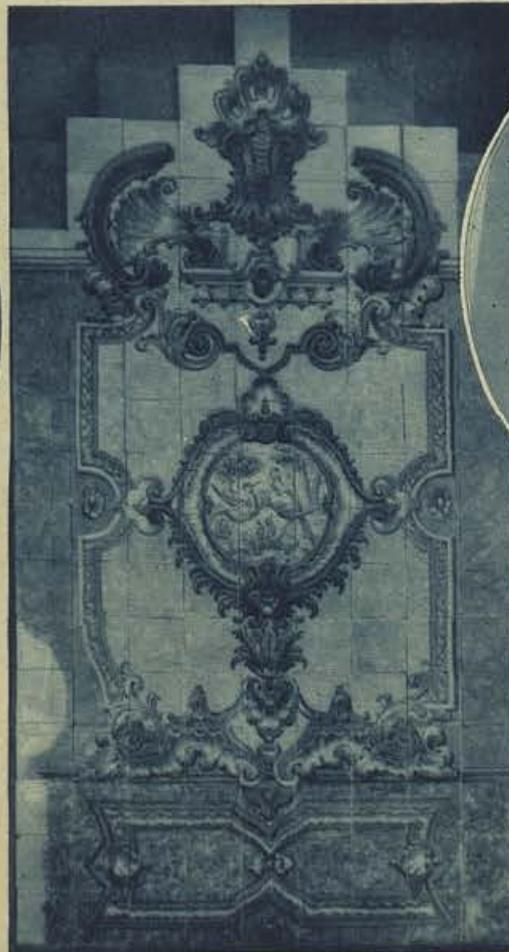
«Varzea dos Arcos» (Anadia) — pertença do sr. Diogo Barata.

(Clichés Ferreira da Cunha.)



*A poetisa Graciete Branco*

«O Noticias Ilustrado» tem o prazer de apresentar hoje aos seus leitores o retrato da autora do livro de poemas: «Aleluia» que está despertando um grande interesse nos meios literarios e constituindo uma admiravel revelação poetica.



*Portugal na Exposição de Sevilha*

CONTINUA a trabalhar-se com afan para que Portugal tenha, em terras de Espanha uma representação á altura do bom nome nacional.

Pintores, escultores arquitetos todos afinadamente dão os seus esforços, ultimando as suas tarefas.

Do pintor Mario Reis reproduzimos hoje um dos admiraveis «panneaux» de azulejo que se destinam para a decoração da Galeria de Vendas do Pavilhão Portuguez em Sevilha, assim como publicamos o retrato do artista.

O CHEFE DE ESTADO TESTEMUNHOU O REGISTO DE UMA CRIANÇA NASCIDA NO HOSPITAL DE S. JOSÉ.

O hospital de S. José foi ha dias teatro de um acontecimento inédito. Pela primeira vez, um Chefe de Estado, testemunhou sli o acto de registo de um recém-nascido.

O sr. Presidente da Republica apadrinhou, com sua filha, uma menina, filha de Fortunata da Silva, moradora na rua do Bemfornoso, 118, rjc, e casada com João Curado, comerciante do Posto da Espada, concelho de Marvão. A nossa gravura foca a assistencia à simpatica cerimonia.

(Foto «Noticias»)



O sr. Presidente do Ministerio e o sr. Ministro da Guerra depondo flores nas campas dos mortos de 7 de Fevereiro.—(Foto «Noticias»).



Eis um «skieur» executando um magnifico salto. Nota-se como no ar, se volta para a esquerda.—(Foto «VU»).

**VEET**

CABELOS SUPERFLUOS DESAPARECEM COMO POR MAGIA

Usai sempre VEET que é preferido por milhões de senhoras em toda a parte do mundo

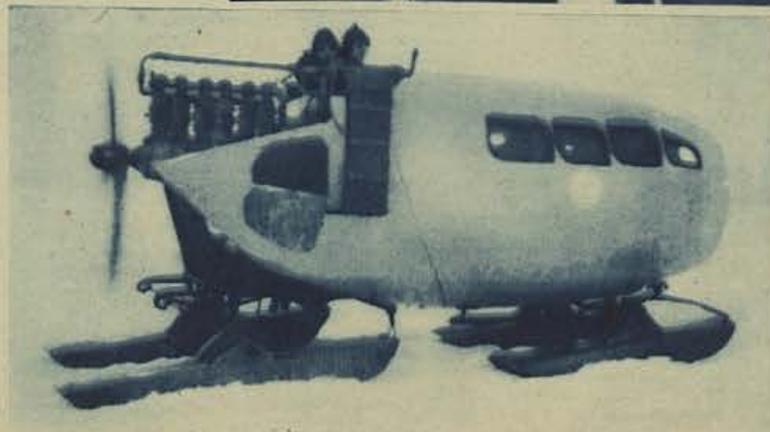
DEPOSITARIO:  
J. W. CHASTER LTD.

RUA DA CONCEIÇÃO, 35 2.º—LISBOA  
TELEFONE C. 2945

**GUERRA À GRIPE!**

Em Londres, por uma pequena quantia e com a passagem de meia hora por um hospital, todos podem ficar completamente immunizados da terrivel gripe que, neste momento, anda desenfreada pela europa.

(Foto «VU»).



**UMA NOVIDADE DO EXERCITO RUSSO**

Eis como, actualmente, nas regiões nevadas, o exercito russo transporta os feridos, por meio de um trenó-automovel.

# LISBOA MISTERIOSA E NOTURNA



Prosa de Artur Portela - Fotografias de Ferreira da Cunha - Desenhos de Martins Barata.

A cidade dorme—enorme e intacta. Então, dos subterrâneos da sombra, larvas humanas que tiveram uma vida e um nome, um passado e um lar, ascendem devagar, inquietas, tremulas, confrangidas, fugindo á policia, á luz, ao frio. São centenas de desgraçados, que fare-

jam como cães os detritos apodrecidos nos caes, já sem energia para lutar, nem trabalhar. Ha-os com barbas, neve que a lama do sofrimento emporcalhou, agasalhados apenas por uns restos de resignação e pela cobardia da morte. Ha mulheres sem sexo e sem idade, de boca reptante, onde a baba de fome e, talvez, dum desejo, cai como um escarro tórvo e repugnante. Ha cegos—e estes são os mais felizes, porque não sabem de que cor é a alegria. Ha creanças, magras, disformes, caricaturadas pela dor ou, fisicamente, incompletas pelo crime do amor envenenado.

Vagueiam como hordas acosadas, batendo a linha muda das docas, onde a agua do rio regouga maldições. Ninguém lá chega! E' o inferno, mas o inferno negro, valhaçouto de leprozos e de grillhetas. Feridas em pór, que não saram. Feridas de lepra. Criminosos que fugiram ao degrêdo—e mataram. Atingiram a ultima degradação. Faltalhes ainda um passo, aquele que os atria á vala comum ou á sepultura das ondas.

Grandes massiços de sombra. Milhões de sacos com pão, mas eles não roubam. Escoadem-se. Aquecem-se com o proprio frio. E quando a neve cai, sobre a lama, onde deliram, estomago faminto, — eis que a rusga, implacavel, os cerca e prende.

Já não ha que fugir! Fugir para quê, se o destino é todo igual? Ou na cadeia, ou no shotel do pinho.

—Tens casa?—pergunta o policia, compassivo. Ele sabe lá o que é ter casa! Nem sequer se lembra que a teve. Nalguns, existe ainda um limpo de memoria, quem sabe se é sonho, sonho interrompido, e então dizem que sim, que moraram, numa velha barraca, imunda, por esmola, até o dia em que foram expulsos.

—E não trabalhas?—volta o policia.

—Onde! Nem todos os dias como, e o que como, é o que os outros deixam á valeta. Ha muito tempo que vim parar aqui!—E' a sua historia, confusa, teatro vivo, que vem aos borbotões—Nunca conheci a felicidade, talvez ela exista, talvez, mas não sei onde. Um dia conheci uma rapariguinha. Era pobre como eu e triste e linda! Quando queria rir—chorava! chorava! Mais tarde casei com ella—chorava como agora. Parece que o ceu tinha pena de nós.

E a morreu—já lá vão dez anos, vinte. Já nem me lembra, sr. guarda! Aqui estou eu e a maldição.

Este é o primeiro da leva. Já lá vai, sonambulando, na mancha da noite que o devora, calcando a lama, á morrinha da chuva, insidiosa, com uma ponta de febre. A policia descobre outro, deitado s b um velho barco abandonado. Chel-

ra mal. Tem uma perna apodrecida. O isolamento roubou-lhe as expressões. Olha para os guardas, espantado. Não acredita que a luz da lanterna furta fogo o revele, na camara escura da treva. Tem uma tatuagem, no braço. Foi marinheiro. Viu Africa e viu India. Um dia, num cruzeiro longinquo, perdeu o navio, nos braços duma mulher. Ainda foi pescador. Mas a doença corrompeu-lhe o corpo, pasta de sangue e materia...

O terceiro... Qualquer coisa respira, sufoca, estremece sob a rama de pinho... Pois é possível! Puxam-lhe pelas pernas. Sacodem-lhe o sono. Ele balbucia, defende-se, pega na lama e beija a, humilhado, com medo do que pode ser pelor: a prisão.

—Não!... Não!...

Ele sabe porquê. Tem dois crimes a cumprir e sessenta anos já cumpridos.

Então, levanta-se, finge que procura não sei

tranquillo, ao sol de Alcantara, a assistir ao combate.

Vendia postais aos estrangeiros. Nem paa nem mãe. Era a «lida dos Postais». Morena, olhos verdes, uma asa negra de cabelo sobre a testa escura. Sardas. Morena e de sardas—mas não era feia. 16 anos, os seios elasticos e rijos como a pele de focas. Um corpo seco e anguloso... Os pés sempre nus. Ninguém como ella, oferecia os «postais das vistas»—ou então, pelas noites, esperava os estrangeiros nos caes, para lhes deixar, com um beijo sensual na boca, algumas violetas velhas ao peito.

Uma noite, sob as Arcadas da Alfandega, um garoto acercou-se dela. Tinha vendido a tostões beijos indifferentes. Mas aquele era de igualha. Vinha como ella, a medo da policia, acoitar-se da chuva, sob a velha arcaria pombalina.

Aconchegaram-se um ao outro. Um beijo quente, prolongado, mudo—os uniu a noite inteira—até que uma luz fria, aclarou, com reflexos de prata, o grande cavallo verde da estatua.

Quando um ano mais tarde, uma gravidez de morte, a levou ao Desterro, a «lida dos Postais» era um farrapo. Hoje é uma sombra imunda, deambulando na tragedia silenciosa das docas, acoitada sob o pinho das descargas...

María de Jesus, doze anos, descalça, sorriso pallido, e uns olhos fulvos, que parecem arrazados de lagrimas, mesmo quando o sol os ilumina num carinho. Ele—Antonio Ferreiro, mais dois anos do que ella. Namoram-se. Não tem pai, não

tem casa. Tem o seu amor ingenuo. E' muito na sua pobreza. O Antonio Ferreiro é gato dum barco de pesca. Quando regressa do mar alto dão-lhe parte na lata do peixe.

O Antonio divide com a María de Jesus. Olham-se muito fitos, enternecidos, contentes de estarem juntos, e de irem assim pela vida fóra, se a miseria os não separar...

Há cincoenta anos que anda ao trapo. O gancho recurvo, a sacola de serapilheira,—e um andar cansado, entorpecido, vencido. Chama-se Vassalo Baliza. Dantes, quando a policia consentia, o trapo e o papel ainda davam oito vintens por dia. Mas hoje—tem que fugir. Acordar cedo, e ir per esses bairros de luxo e de felicidade. Mas até nos caixotes se sente a economia, senão a miseria da cidade. Pouco... tão pouco, que Vassalo Baliza abandonou o «ofício». Foi preso como vadio, mas nem para o asilo o mandaram.

Outra vez a rua, e sempre escondido, afflicto, receoso da policia, este Vassalo Baliza que nos olha humilde, e nos pede um «cigarriinho».

o quê. Corro para ele, num gesto de espanto e de terrôr. Já é tarde. A punhalada foi funda, certa. A sua face, ironica e amarga, tem agora uma brancura divina—extatica ao perdão de Deus, que ele no ultimo instante reconheceu. Cai sobre a lama, de borco,—rodilha humana, entulho humano, lama tambem.

Agora é uma mulher. E' meia louca, e tem dois filhos. Filhos do acaso, da sombra, e da noite. Filhos do mal!... E a rusga continua, batendo as docas, onde outras larvas humanas fermentam. Carne amassada em dor, em espanto,—carne que tem fome, mas fome crúa, ardente brasa nas entranhas, tão voraz, cruel e insaciavel, que o pão que comemos, embora seja do trabalho, nos parece um crime, um roubo, uma ignominia sem nome.

Sinto ao longe um vozear confuzo. A noite agita-se. A sombra estremece. Sol... col... rol... Desgrenhado o grito vem nas azas do vento, crociando como os abutres, quando passam sobre os cemiterios... Não vale a pena! O grito é inutil. E' o suicida desta noite, o ultimo cadaver da doca de Alcantara, cuja historia os jornais amanhã dirão em trez linhas secas, cortantes—irrevogaveis. Trez linhas que não serão as ultimas.

ARTUR PORTELA

NOTICIARIO.—Joaquim Filipe—18 prisões, 28 prisões, inumeras prisões. Tantas as prisões como as rusgas. Prisões periodicas, cada prisão é um banho—e uma noite de baixo de telha. No Albergue não o querem. E' demais conhecido. Nem lar, nem fogo, nem pão. Um resto de caldeirada em dia de festa. Uma esmola, ao domingo, no areal dos Jeronimos, á saída da missa.

Agua das fontes publicas, cõdeas do lixo das padarias, peixe podre dos desperdícios da ribeira. Presa da sífilis e da tuberculose—e ele



# Charadas

**SECÇÃO CHARADÍSTICA SOB A DIRECÇÃO DE «VISCONDE DA RELVA»**

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser endereçada a Americo J. L. Coelho, Rua D. Pedro V, 18—LISBOA.

ANO I—N.º 45      FEVEREIRO, 17  
4.º TORNEIO      1 9 2 9

**RESULTADOS DO N.º 40**

Produtores

**QUADRO DE DISTINÇÃO**

N.º 3	FONTELISIO,	5 Votos
-------	-------------	---------

N.º 1, de «Agá Larba»	5 Votos
N.º 4, de «Saidavlis»	3 »
N.º 12, de «Chica Saloia»	1 »
N.º 10, de «Renando»	1 »

Decifradores

**QUADRO DE HONRA**

A. D. MEIRA—AFRICANO
Com 20 decifrações — Totalidade

**QUADRO DE MERITO**

JOTEMIRA, 18—IRMAOS GATOS, 17— CAPITAO BOCHE, 16—LAURITA, 15— SOBA DA TORRE, 15—TANAGRA, 15— FONTELISIO, 13—FRANCO ACIS, 13— JOÃO COLORAU, 13—TREMPE, 13—SA- PINHOS, 11.
---

**OUTROS DECIFRADORES**

Colibri, 8—Manuela R. Mourão, 8—Artinity, 5—Visconde do Prado, 1.

Decifrações

1. *Pepasmo*, 2. *Naufrage*, 5. *EM CASA DO FERREIRO PEOR APEIRO*, 4. *Bem-fadado*, 5. *Gege (G. G.)*, 6. *Martinho*, 7. *Chufado*, 8. *Aderito*, 9. *Alavão*, 10. *Pesta-fera*, 11. *Marconigrama*, 12. *Rutreta*, 13. *E-tacel-la*, 14. *Colirio*, 15. *Carapi-ta*, 16. *Embute*, 17. *Arcooso*, 18. *Ardeno*, 19. *Rubichão*, 20. *Topada*.

BICUCAS—N.º 5; 5 e 15, respectivamente de «Fontelísio», «Xigato» e «Guerreiro e Monge», com 4 decifrações cada uma.

GENTILEZAS—«Africano» e «Visconde do Prado», sim...

**ENIGMA EM VERSO**

1. Trabalhava no inferno Satanás,  
Satisfeito, risonho e prazenteiro,  
Remexendo com férrea tenaz  
Defeitos que irritava num caldeiro,  
Nisto batem à porta.—Buscas paz?  
Disse o diabo alegre e gulhofeiro  
'A cornuda visita, que detraz  
Esperava com semblante de carneiro.  
—Eu sou um Deus, lhe diz o visitante,  
E venho converter-te, meu tratantel  
Satanás, irritado, ardia em ansia.  
Atra-se à visita, e os dois unidos  
Fizeram tal balbúrdia, que os rugidos  
Ouviam-se a cem milhas de distância.

Lisboa

JESO

**CHARADAS EM VERSO**

2. Minha Maria, te n. *cuidado*—2  
Com o «Manel» da «ti» Joanna...  
Olha que «um» é tolerado...—1  
Mas dois, já não é para dar gana  
Ao que fôr mais *desvelado*.

Porto

SAIDAVLIS

(A «Artinity», *retribuindo*)

Dizia o Riso ao Chôro:—1  
—Eu elvijo o penar...  
—Quem o al via sou eu,  
Porque faz bem o chorar!

E depois de tal questão,  
Resolveram «barquear»...  
Mas uma onda atrevida  
Atirou co'o Chôro ao mar.

E ao vê-lo—triste *figura*—1  
Com as roupas a pingar...  
Deu tanto riso ao Riso  
Que chegou a arrebentar!

Aproveitem d'este caso  
A conclusão a tirar:  
—Que sobre duro castigo  
Quem a si se quer *louvar*.

Póvoa de Varzim

RUI SEVERO

Sr. «Visconde da Relva»:  
Eu em sete sílabadas  
Venho pedir se consente  
Que eu entre para as «Charadas».

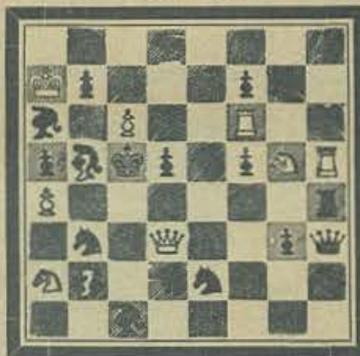


A correspondência sobre esta secção pôde ser dirigida a Pereira Machado, Grémio Literário, Rua Ivens, n.º 37.

**N.º 43 PROBLEMA**

Ed. Papé

La menção; Federação dos U. S. A.  
Pretas (13)



Branças (10)

Mate em dois lances (2)

Solução do problema n.º 41

(Martins)

1. T-e7, T>T; 2.B=C+  
B>T; 2D-c2+.

outras variantes evidentes

## PACKARD

CARROS DE 8 CILINDROS

O mais elegante dos

CARROS

Pedir informações e visitar o nosso

SALÃO DE EXPOSIÇÃO

4, P. Duque da Terceira (Cais do Sodré)

AGENTES GERAIS

Orey Antunes & C.º L.º

LISBOA — PORTO

Se licença eu tiver,—2  
Se me der então guarida,  
Tão contentes ficarei  
Que a todos pago «bebida».—1

E prometo trabalhar  
Até ir p'ra o cemitério  
Esperando a elevação  
Todo seu

MIST. R. MISTÉRIO

**ENIGMA FIGURADO**



Viseu

FONTELISIO

**CHARADA AUXILIAR**

(Por letras)

- oia—Peigada
- sco—Aversão
- oia—Caldo
- sco—Escuro
- oia—Cabeça
- oco—Embuçado

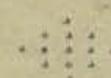
Burro de focinho preto

Cascais

ANELE

**CHARADA EM LOSANGO**

7.



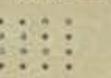
- Consoante
- Bandeira
- Reberrão
- Pessoa Velhaca
- Consoante

Lisboa

RECRUTA

**CHARADA EM QUADRO**

8.



- Habilidade
- Verdadeiro
- Frio
- Antes

Lisboa

COLIBRI

**CHARADAS SINCOPADAS**

9. Pas ou por aqui um *magote* de gente, que transpôs a ribeira de um salto.—3-2.

Lisboa

CARDEAL DE VIGNY

10.

¿Sentiu algum *a'tolo* com o «suco alvoso do embro»?—3-2.

Lisboa

K. VALETE

**CHARADAS NOVÍSSIMAS**

11. Por trazer com este frio uma «*vestidura leve*» det a minha «*mulher*» uma *reconsessão*.—2-2.

Lisboa

A. D. MEIRA (A. C. P. B.)

12. Foi imposta uma grande *contribuição* a toda *mulher leviana*.—2-1.

Lisboa

AFRICANO (A. C. P. B.)

(A um... Meiro)

13. Para amostra' trago aqui uma *lasca* de *slaco*.—1-3.

Lisboa

ARTINITY

(Ao *emérito* charadista «Artinity»)

14. Sei de um rapaz que *não vai à escola* de *instrução* primária, para *apsender a arte* de *poetar*.—3-4.

Lisboa

CAPITÃO BOCHE

15. Adubo de «*pelve* de Portugal» *produs* *bôa variedade* de *amendoa* *durãna*.—2-1.

Mafra

CHICA SALOIA (T. E.)

16. Lê esta revista com *atenção* e *verás* como é *infundado* o tal *boato*.—1-1.

Gaia

CONDE SABUGO

17. *Coma* tudo quanto vem *descriminado* no *rol* que me *mandou* o *arquitecta*.—2-2.

Lisboa

DON X

18. Éte *alardela* *valentia* ou *posses* para *ver* se *excita* a *atenção* da «*namorada*».—2-1.

Porto

RENANDO?

19. Num *terreno fértil* mas que *produs* pouco *trigo*, *plantel* «*ba'telo* *algarrinos*».—2-2.

S. Julião da Barra

SOBA DA TORRE (A. C. P. B.)

20. Este *molho* de *tripas* foi *vendido* por «um» *intriguista*.—3-1.

Mafra

VISCONDE DO PRADO (A. C. P. B.)



Das crianças cujos «costumes», originais e de bom gosto, chamaram a atenção da cidade.



Um dos carros mais vistosos e bem ornamentados que fizeram o «corso» na Avenida da Liberdade.

## O CARNAVAL EM LISBOA

OS carros que tomaram parte nos folguedos carnavalescos realizados na Avenida da Liberdade, com fins de beneficência, e as diversões de carácter infantil, constituíram o melhor e mais curioso atrativo do Carnaval de 1929. Pode-se dizer que o Entrudo em Lisboa se reduziu a essas festas onde se exhibiram algumas notas de bom gosto e originalidade.

(Clichés «Ferreira da Cunha».)

GENTE QUE SE DIVERTE

## O CARNAVAL NO «MAXIM'S»

O «dancing», com os seus aspectos nocturnos, com a sua feérica expressão, plenamente garrida e tocada de luzes; com as mulheres de bocas em braza entre champagne e acordes de jazz—o «dancing», o «cabarete», é hoje uma necessidade da civilização contemporânea.

Em toda a parte do mundo onde se vive com elegância e re-



quinte, existem as casas de noite que os elegantes, após o jantar, decoram com a presença das suas casacas... O «dancing» é o espectáculo mais moderno e diferente deste século XX tão dinámico e intenso!

O nosso «Maxim's» na opulencia dos seus salões e na pompa das suas festas com a alegria doirada dos seus números de «varietés»; com a sua bulhosa e escolhida frequência é o «cerceles» nocturno que se impõe como um dos melhores, senão o melhor, da Península.

Nesta pagina focamos dois aspectos dos bailes de Carnaval que, no «Maxim's», estiveram estrelajantes de alegria e luxo...

(«Clichés» Ferreira da Cunha)

# A ESTÉTICA DO AVIÃO

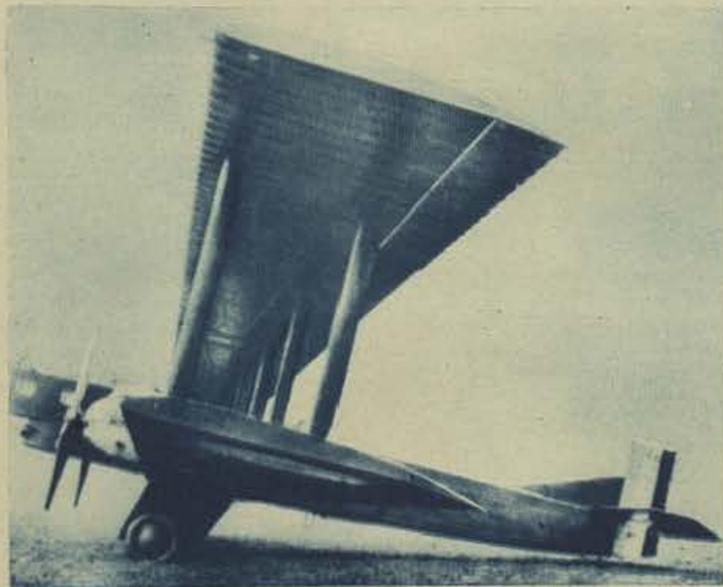


«Inflexible» o maior monoplane do Mundo. Todo em metal, as suas asas tem 43 metros de envergadura.



Um «Farman» com cabeça de tartaruga e asas de passaro voador...

Este «Junkers» não tem, na verdade, o aspecto de um gigantesco mocho?...



Éis um «Goliath-Farman», de dois motores, de uma verdadeira expressão arquitetónica.



Este hidroavião «Rohrbach» durante a «amerissage» lembra um enorme cetaceo levantando espuma...

O hidroavião «Superwal» tem a linha afiosa de um «yacht» de recreio...

DESDE que o Homem, um dia, num relampago de génio, inventou a roda, logo ficou, para sempre, realizada a base de todo o transporte. E vieram os primeiros carros... Rodaram os séculos... Dia a dia as civilizações foram criando, consoante as suas necessidades estéticas, os diversos aspectos dos seus meios de transporte. Depois do domínio da terra chegou, neste século em que vivemos, o domínio dos ares... E sempre, quer na pezada «mala-posta» ou no estremo «express» uma fisionomia lhes foi emprestada... Agora os aeroplanos também tem o seu aspecto próprio, característico...

(Fotos «Vu».)

Fabrica-se  
para o seu sabor

# Camel



## CASACOS DE PEÇES

A MAIOR COLEÇÃO DO PAÍS—CORTE IRREPREENSIVEL—PE-  
LES DE 1.ª ESCOLHA—ACABAMENTO INEXCÉDIVEL—FORROS  
ESPECIAIS.

criações de BERNARD E PICHON  
MOLDES EXCLUSIVOS DE PODSELVER

PREÇOS SEM COMPETENCIA POSSIVEL

RUA DO JARDIM, Á ESTRELA, 18

## NOITES DE INVERNO E A BOA LEITURA

Nas longas e frigidias noites de inverno não ha mais  
delicioso entretenimento do que o da boa leitura. A todos  
que desejarem esta grande consolação espiritual, recomen-  
damos os formosos livros:

*O Drama da Sombra*, de Ferreira de Castro.

*O Homem dos Dois Corações*, de Rocha Martins.

*Cinco mil francos por mês*, de Reinaldo Ferreira.

*Minha mulher*, de W. Fernandez Flores.

*Noite de Nupcias*, de Lourenço Cayola.

PREÇO: 3\$00

A VENDA NA LIVRARIA DO «DIARIO DE NOTÍCIAS»  
LARGO TRINDADE COELHO, (ANTIGO LARGO DE S.  
ROQUE) N.º 10 E 11.

## BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

VOLUMES PUBLICADOS

**Contos de Joãozinho**

**Falam os meninos**

**História d'El-Rei Camelo**

**Contozinhos de cristal**

**Castelos no ar**

**O palhaço francês**

**História do coelhinho tic-tic**

**História da Rosalina**

**Contos do Joãozinho (2.º volume)**

**História de El-Rei Bébé**

**História da Raposa Raposeca**

**Tapete Encantado**

**No País dos Sonhos**

**Aventuras da Carochinha Japoneza**

**Quem não quere ser lobo...**

**Titó e Tátá nos Jardins da Fantasia**

**Perú Aviador (Numero especial)... 10\$00—Historia do Menino Jesus (Numero especial)... 10\$00**

**Edição da Empresa Nacional de Publicidade**

A venda na Filial do Diario de Noticias, Largo Trindade Coelho, 10 e 11

Lembre-se  
sempre

dos



Comprimidos  
de **Aspirina!**



Autenticos só na embalagem original „Bayer“; com a cinta azul e branca e a cruz Bayer.

**MUSICAS E PIANOS**

ERNST  
KRAUSSE



Gramofones, discos de todas as marcas, instrumentos de banda e orquestra, acessórios.



Enviem-se pedidos à cobrança.

Telefone T. 699

SEMPRE NOVIDADES

SOARES & VIANA, LIMITADA

RUA DO LORETO, 50 — LISBOA

**«Os Sports»**

BI - SEMANARIO

Edição do

«DIARIO DE NOTICIAS»

A maior tiragem e expansão de todos os jornais desportivos portugueses.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua do Diario de Noticias, 78—Tel. T. 821

Lave, ondule e corte o seu cabelo na

**Academia  
Scientifica  
de Beleza**

AVENIDA, 35-LISBOA

Telefone N. 3641



**Veramon-Schering**

Preocupações e excesso de trabalho produzem dores de cabeça e tornam-nos incapazes de resolver os tão variados problemas que oferece a vida diaria. Um remedio innocuo que faz desaparecer rapidamente este mal sem produzir cansaço e que lhe devolverá todas as suas faculdades, é o Veramon-Schering. Adquira um tubo de 10 e 20 comprimidos - a despesa é insignificante.



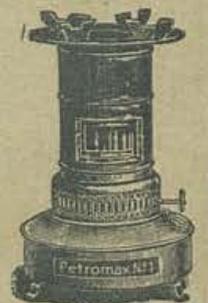
**PETROMAX**



Qualquer petroleo serve

124-RUA DO ARSENAL - 1.º D.

LISBOA—TELEFONES C. 2550 OU 2210



Uma boa luz e agradável

temperatura dão alegria,

vida e conforto ao lar.

Candeieiros desde 185\$00 a 4 contos 200 a 6000 velas. Consumo \$07 por hora

Fogão Calorifero 65\$00  
Consumo = 1 litro em 6 horas

Hoje, ha já 52 localidades em que a Iluminação pública é feita a **PETROMAX**

PEÇAM O CATALOGO N.º 88



## RAINHA DO CARNAVAL DE 1929

Uma das maiores — senão a maior — nota de arte do Carnaval que passou, deu-a Mademoiselle Ribeiro da Costa, filha do grande costureiro lisboeta, que envergando um admirável traje de «Menina» de Velasquez, bem merece o título que lhe conferimos de Rainha do Carnaval de 1929. — (Cliché Silva Nogueira.)